

*Maria Dolores dos Santos Vieira  
Maria do Carmo Alves do Bomfim*

### Introdução

Este artigo compõe parte do estudo que ora realizamos no Curso de Mestrado em Educação da Universidade Federal do Piauí, através do Projeto de Pesquisa: Os Acordes das Relações de Gênero entre Integrantes da Orquestra Jovem da Escola Padre Luís de Castro Brasileiro, em União – Piauí (2010-2012). Neste estudo buscamos identificar os conflitos que dificultam as relações de gênero, impedindo uma convivência que respeite as diferenças de gênero, no espaço da Escola e da Orquestra.

A Escola Padre Luís de Castro Brasileiro é uma instituição pública municipal, funciona atualmente em dois turnos. Atende alunas/os da Educação Fundamental (do 1º ao 9º ano). Fica localizada em um dos bairros mais antigos do município. Nela encontramos uma pedagoga, uma diretora e equipe administrativa. A Orquestra Jovem é uma estratégia metodológica pensada como ação interventiva e elemento de superação dos muitos conflitos existentes entre as atrizes e os atores desses cenários educativos.

Atualmente, a Orquestra conta com cinquenta e quatro integrantes, sendo vinte e oito jovens homens e vinte e seis jovens mulheres. Essa agremiação já se apresentou em eventos importantes como a Abertura da Feira dos Municípios em Teresina, apresentações em redes de TV do estado do Piauí, construindo uma identidade cultural. A atuação da Orquestra não se limita apenas ao município de União, ela tem saído pelo Piauí afora, apresentando-se em outras cidades.

A seguir apresentaremos, inicialmente, uma reflexão sobre o conceito de gênero e de Paz, depois trataremos como se coloca a discussão das práticas de relação de gênero na escola e na Orquestra costurando os fios que ela tece na construção da Cultura de Paz. Para isso utilizamo-nos dos conceitos e práticas de autoras e autores como Guimarães (2006), Macedo (2012), LOURO (1997), Milani (2003), Scott (1990) e Moreno (1999).

### **Gênero e Paz: Fios para Reflexão**

A realidade pesquisada aponta para a urgência de investimentos nas práticas de relações de gênero para uma convivência saudável na Escola e na Orquestra, o que leva a acreditar que a minimização das violências nesses espaços só ocorrerá pelo fio da Cultura de Paz. Diante disso, é importante saber qual o sentido atribuído ao conceito de Paz e de gênero, hoje. Começamos afirmando que não existe um acordo quanto ao conceito de Paz. Conforme Guimarães (2006), esta unanimidade se desfaz logo que, principiamos a tratar sobre o tema, emergindo não só uma pluralidade de significados em torno da Paz, mas um conflito de interpretações propriamente dito. Nessa ótica, toda abordagem sobre a Paz deve envolver, antecipadamente, uma reflexão em torno do seu conceito e do significado a ele atribuído.

A história sinaliza que cada povo e que cada tempo tem expressado, de diversos modos, o seu entendimento sobre a Paz, o que significa a existência de um sentido entre o que representa a Paz e os diferentes modelos de civilização. Nesse estudo nos utilizamos da Paz que é diálogo, reflexão e construção de valores positivos. Paz que se reveste de atitudes, de comprometimento com as outras e com os outros. Diante dis-



so, lembramos que na sua origem etimológica, paz, do latim *pax*, vem de *pagare* que significa comprometer-se e fazer um pacto, ou seja, firmar acordo entre duas ou mais partes (GUIMARÃES, 2006).

Na visão de Macedo (2012, p.111) “se quisermos a paz, o primeiro passo na direção da sua construção é exercitar uma nova compreensão sobre ela, capaz de mobilizar pessoas em torno desse mesmo interesse”. Nessa acepção, refletir sobre o conceito de paz com as/os jovens da escola e da Orquestra foi importante porque favoreceu ao grupo construir novos conhecimentos e atitudes a respeito do assunto, confirmando a necessidade desse exercício constante e da vivência como forma de ampliar essa compreensão.

Para a tessitura da Paz no ambiente escolar e entre as/os integrantes da Orquestra Jovem evocamos o entendimento da paz positiva que não significa ausência de conflitos, mas diálogo para render ganhos sociais e educativos. Não se trata aqui de homogeneização da forma como a Escola ou a Orquestra se envolveu em suas vivências, o que tentamos foi buscar os sentidos das práticas de relações de gênero no interior desses agrupamentos e construir junto com as/os partícipes, posturas, atitudes e concepções mais humanizadoras dessas relações utilizando-as como fios para a Cultura de Paz.

Salientamos que a Cultura de Paz é construção em longo prazo para mudanças baseadas em atitudes pacíficas, mas resultando positivamente em uma melhor qualidade de vida e de convivência entre as/os jovens, seja no espaço escolar ou em outros contextos sociais em que eles/as transitam e vivam experiências coletivas, pois como adverte Milani (2003):

[...] Promover a Cultura de Paz significa e pressupõe trabalhar de forma integrada em prol das grandes mudanças ansiadas pela maioria da humanidade – justiça



social, igualdade entre os sexos, eliminação do racismo, tolerância religiosa, respeito às minorias, educação universal, equilíbrio ecológico e liberdade política (p.131).

Considerando esses pressupostos e com a vontade de contribuirmos para o advento dessas transformações propomos, também, refletir sobre o conceito de gênero, pois partimos da compreensão de que para a ocorrência das mudanças ansiadas pela humanidade se faz necessária a construção de uma visão plural, que considere todas as formas de construção social, cultural e linguística que estão essencialmente imbricadas nesse processo. Nessa linha de raciocínio, valemos-nos do conceito de gênero de Scott (1990, p.14) “gênero é um elemento constitutivo de relações sociais fundadas sobre as diferenças percebidas entre os sexos, sendo assim, uma construção social e histórica dos sexos”.

Por este viés, o juízo de valor, habilidades, capacidades ou conceitos ao indivíduo, a partir das diferenças sexuais, é invenção social e ideológica de pressupostos sobre o papel adequado ao homem e a mulher que vêm determinando afazeres, atitudes, comportamentos e atribuições convenientes a cada sexo. Portanto, é uma questão de gênero e não de sexo, é uma questão cultural e não biológica. Foi com esse entendimento de gênero que empreendemos a nossa investigação.

### **Relações de Gênero: Fiando a Cultura de Paz**

Já é possível perceber gestos novos nas apresentações da Orquestra, cuidados com as outras e com os outros, que não são vistos na Escola, se anunciam. Algumas formas dialogais de enfrentamento de conflitos e práticas de relações de gênero inovadas, mesmo tímidas e inconscientes de seu alcance, também se fazem presentes, além da quebra de alguns acordos

tácitos de silenciamento. O lado reativo se fortalece e fomenta a melhoria da convivência, construindo a Cultura de Paz.

A percepção de que essas relações são social e culturalmente instituídas e que legitimam e perpetuam a dominação masculina e a invisibilidade das mulheres na sociedade, sobretudo, na escola, emergiu como componente necessário para que aguçassemos o nosso olhar para exercícios e arranjos diferentes de convivência na Orquestra e na Escola. Assim, foi possível perceber que a escola não reformula o modelo de ser masculino e de ser feminino tradicionalmente, esperado e em vigência, mas a Orquestra parece mais aberta a essas reformulações.

Contribuindo com esse debate, defendemos a ideia de que as relações de gênero devem ser estudadas a partir dos processos através dos quais o gênero é produzido e pelas condições em que é vivenciado pelos jovens homens e jovens mulheres na escola. Para a consecução deste objetivo, buscamos teorias que nos permitiram articular outros modos de pensar gênero em que mais do que reverter ou confirmar hierarquias do sexo, pudessem ser propositivas de aproximações entre homens e mulheres que se reconhecem como diferentes no sexo, mas iguais em direitos humanos. Para Scott (1990):

as relações entre os sexos são construídas socialmente, e isso ainda diz pouco, pois não explica como estas relações são construídas e por que são construídas de forma desigual privilegiando o sujeito masculino, sem, no entanto, dizer como funcionam ou mesmo como mudam, perdendo assim a força de mudança e terminando por contribuir para a manutenção dos modelos históricos existentes (p.14).

Esses sujeitos de gênero e de sexualidade são produtos de várias possibilidades, sociabilidades e instabilidades. Isto torna homens e mulheres ainda mais complexos, porque, ao

tempo em que são sujeitos de gênero, são, também, sujeitos de raça, religião, nacionalidade, classe, etnia etc., ou seja, diminuí-los a um conjunto biológico é minimizar sua natureza. Pensando do lado dos jovens e dos/as adolescentes da Orquestra é que buscamos algumas respostas para essas inquietações tornando-nos participantes, na tentativa de entendimento e contribuição para a construção de aproximações entre eles/as, considerando acima de tudo, a natureza histórico-cultural dos sujeitos, o que nos oferece caracterizações desses/as jovens e adolescentes nos possibilitando ter um olhar sobre essa agremiação. As identidades de gênero refletem uma construção social que apresenta uma história e um sentido político. Partindo desses pressupostos e levando em consideração que a escola desempenha um papel fundamental, coadunamos com Louro (1999):

A escola delimita espaços. Servindo-se de símbolos e códigos, ela afirma o que cada um pode (ou não pode) fazer, ela separa e institui. Informa o “lugar” dos pequenos e dos grandes, dos meninos e das meninas. [...]. Suas marcas, seus símbolos e arranjos arquitetônicos “fazem sentido”, instituem múltiplos sentidos, constituem distintos sujeitos (p.58).

A escola é, de fato, uma importante expressão da cultura de valores de uma sociedade, é um espaço rico de representações sociais, nela são reproduzidos muitos dos valores e símbolos que constroem os modelos de masculinidades e feminilidades que estruturam as relações no tempo e na história de uma sociedade. Nestas condições, as relações de gênero da e na escola não se renovam reforçando dessa forma a superioridade masculina e a submissão feminina. Essa divisão sexual gera conflitos de poder que, se não forem mediados pela escola, resultarão em relações cada vez mais desiguais.



Partilhamos da compreensão de que a educação contribui para a manutenção das divisões sociais que perpetuam a visão androcêntrica, pois está cheia de valores e ideias que apresentam o mundo masculino como superior ao feminino, por isso concordamos com o mesmo pensamento que Moreno (1999) elabora:

[...] vivenciar uma educação não sexista ultrapassa as fronteiras da escola, envolvendo também a família e a sociedade, com a escola, porém, desenvolvendo um importante trabalho de transformação a partir da perspectiva de que “coeducar” não é por em uma mesma classe indivíduos de ambos os sexos, nem tampouco é unificar, eliminando as diferenças mediante a apresentação de um único modelo. Não é uniformizar as mentes de meninas e meninos; ao contrário é ensinar e respeitar o diferente e desfrutar da riqueza que a variedade oferece (p.77).

Desejamos dizer que, não trabalhar com a perspectiva de gênero no sentido de ação político-educativa que transforma que oportuniza novas visões, é aceitar que as mulheres têm reduzido poder na sociedade e que esta redução não se configura um elemento de injustiça social, portanto, não é antagônico à Cultura de Paz que desejamos tecer para a melhoria dessas relações na ambiência escolar e da Orquestra.

Assim, a opção por estudar as relações de gênero como fio do tecido da Cultura de Paz partiu da constante indagação sobre os motivos que geram e mantêm, na escola, as situações de conflito entre jovens homens e jovens mulheres pela não aceitação do outro em detrimento do sexo. Nesse caso, observamos o isolamento e a distância pautando essas relações segregando qualquer chance de uma convivência amistosa entre jovens homens e jovens mulheres, tornando-se fontes crescentes de indiferenças, *bullying* e disputa pelo poder, particularmente, no espaço da escola.

Acreditamos que nenhum trabalho surge do acaso, esse emerge de nossa própria vida, de nosso fazer docente e de muitas de suas circunstâncias. A escola veio para nós, educadoras, como produto de nossas experiências, inquietações e paixões e nos impulsionou a buscar novos rumos para o que vivemos e fazemos. Foi pela escola que chegamos ao outro que se revelou em nós exigindo de nossa prática educativa um jeito novo de caminhar.

Pelas observações e entrevistas realizadas, até o momento, podemos afirmar que a Escola Padre Luís de Castro Brasileiro constitui um modelo de escola sexista que construiu e preservou a separação sexual através dos discursos e das práticas de dirigentes e membros da comunidade escolar. Podemos observar que, nessa escola, a educação reproduz o conceito de gênero, na perspectiva de construção social e histórica dos sexos. No ambiente escolar e da Orquestra, as práticas sociais se dirigem aos corpos. Os sujeitos homens e mulheres não são orientados para perceberem ou compreenderem o significado das diferenças individuais entre os sexos, caso elas não estejam definidas biologicamente, contribuindo para concepções profundamente preconceituosas, discriminadoras e polarizadas.

Diante desses elementos de análise, advogamos que é imprescindível a desconstrução da realidade que se descortina nesse ambiente escolar, para que, a partir dela, se possam construir relações em que haja igualdade e, de fato, homens e mulheres exerçam verdadeiramente a cidadania, pois:

A desconstrução trabalha contra essa lógica, faz perceber que a oposição é construída e não inerente e fixa. A desconstrução sugere que se busquem os processos e as condições que estabeleceram os termos da polaridade. Supõe que se historicize a polaridade e a hierarquia nela implícita (LOURO, 1997, p.32).



A escola, em questão, caminha lentamente para a conquista dos meios necessários que possibilitem aos jovens homens e às jovens mulheres defenderem ideias, proporem debates e garantirem espaços de equidade social. É essencial que a instituição escolar seja desconstrutora das desigualdades de gênero, reconhecendo que tais ações assumem, na sociedade brasileira atual, a mesma importância de uma rede de proteção social, pois tem entre outras, a função de reduzir ranços e promover o aumento do empoderamento feminino e de ações de enfrentamento da feminilização no espaço da Escola e da Orquestra.

### **Alguns Fios nas Considerações Finais**

Como vimos no decorrer deste trabalho, as relações de gênero se mostram repletas de narrativas históricas que são recontadas através dos tempos, afirmando e reafirmando o lugar privilegiado das masculinidades. Essa inculcação deste lugar privilegiado nos transmite um caráter de universalidade e permanência, o que nos faz esquecer o seu caráter construído e dar a ele, a aparência natural, que nos acomoda e crava em nossos corpos, jeitos e formas de ser masculino e de ser feminino, adequadas ao apelo do modelo de sociedade vigente.

Por esse recorte, todas as produções da cultura que foram construídas fora da escola e da concepção daquelas/es que a reproduzem, são consideradas diferentes, tornando-se questionáveis e, quando não, são apenas excluídas e condenadas ao rótulo de desvios comportamentais que carecem de acompanhamento e adequação para ocuparem os espaços escolares, indicados, previamente, para as feminilidades e para as masculinidades.



Assim sendo, reforçamos a urgência de estratégias educativas que desnaturalizem as representações sociais e as narrativas construídas pelo sujeito-padrão, considerado “referência”, modelo a ser reproduzido dentro e fora da escola e apontamos a Orquestra como estratégia que tem contribuído para tornar essas relações mais explícitas e centrais nas discussões mesmo sem ainda se consolidarem nas atividades cotidianas, no entanto, são esquemas que sinalizam para aberturas e perspectivas.

Essa idealização do que é masculino e do que é feminino aprisiona e simplifica o ser humano homem ou mulher a uma única forma, indisponibilizando o reconhecimento daquilo que é intrínseco do próprio ser: sua natureza plural. Nenhum homem é igual ao outro, nenhuma mulher é igual à outra, nem na dimensão biológica, quanto mais na forma de se fazer pessoa, gente, ser pensante e sujeito do mundo. Não somos reproduzidos em série, nascemos cheias/os de particularidades, qualidades e defeitos que nos constituem ao longo de nossa vida e nos materializam através do nosso caráter, de nossas atitudes e posturas diante daquilo que nos individualiza e universaliza.

É preocupante demais vermos seres tão semelhantes nutrirem um pelo outro tantas animosidades, muitas mantidas pelo próprio ato de educar, pela instituição que pela função social que lhe é atribuída, deveria concorrer para que fossem extirpadas do seio escolar. Em coerência com o nosso estudo, percebemos que as relações na Escola Padre Luís de Castro Brasileiro parecem necessitar do exercício de problematização da situação em que se encontra, a fim de superar um aparente estado de contemplação, para uma posição transformadora atuação de sua atuação, de exercitar a prática de convivência respaldada no respeito às diferenças,



principalmente por considerarmos que ela gesta a Orquestra e que os sujeitos são os mesmos nas duas ambiências, não podendo ter conduções educativas contraditórias, uma vez que a sua extensão, a Orquestra sinaliza boas possibilidades de mudança.

Conforme já registramos parcialmente, pela utilização de alguns instrumentais metodológicos, as integrantes e os da Orquestra Jovem vêm demonstrando avanços nessas relações, hoje, fios para a Cultura de Paz. Não há um conviver homogêneo, ele é heterogêneo pelos sujeitos em convívio e pelo gênero que os constitui jovens homens e jovens mulheres. Não se trata, também, de um ambiente sem conflitos, em que a Paz é condição de silenciamento e passividade. Ao contrário, a Paz, nesse plano, é força que move os ânimos e reconduz as partícipes e os partícipes para o diálogo que edifica novas empreitadas coletivas sem que cada um, cada uma se perca como ser individual dada nesse ângulo, à irrestrita natureza de ser e de se fazer feminino ou masculino nas várias ocorrências dessa vida grupal.

Para nossa satisfação continuamos inquietas, porque estamos conscientes do caminho que ainda precisamos percorrer, sabemos que chegamos apenas ao limiar da porta da pesquisa que ora iniciamos. A jornada é longa, muitos são os percalços e as veredas são tortuosas, mas seguimos firmes nos propósitos que abraçamos como metas a serem atingidas. Longe de apontarmos soluções queremos, como desbravadoras, abrir caminhos e conquistar adeptos para a grande causa da humanização das práticas de relações de gênero e da construção da Paz em nossas escolas, principalmente naquelas em que as/os jovens estejam mais vulneráveis à marginalização e ingresso no mundo das drogas e das violências, sejam elas quais forem.



Para encerrar, deixamos o convite para educadoras e educadores deixarem de considerar toda essa diversidade de formas de ser homem e de ser mulher e de práticas como um “problema” e passar a refleti-la como condição que precisa ser compreendida, interpretada, inserida, vivida nesse novo tempo. Um tempo de diversidades em que não se pode explicar as diferenças polarizando-as, fixando-as em concepções fechadas e defendidas a partir de uma história que não aceite a fala dos sujeitos.

Exatamente neste fio da Cultura de Paz através das relações de gênero na Escola e na Orquestra é que defendemos a relevância e a contribuição do nosso trabalho para a efetivação de uma Educação para a Paz que seja capaz de sensibilizar e mobilizar a comunidade escolar, a família e até o poder público, para a discussão e a integração curricular dessas temáticas no currículo e nas práticas docentes como formas de provocar novas interações e convivências mais pacíficas, longe da visão ingênua de paz e gênero, mas como pressupostos de novos homens e de novas mulheres para o mundo dos diferentes, onde todas/os não precisem ser iguais.

### Referências Bibliográficas

GUIMARÃES, Marcelo Rezende. Repensando a Noção de Paz. In: GUIMARÃES, Marcelo Rezende. *Aprender a educar para a paz*. Goiás: Ed. Rede da Paz, 2006.

LOURO, Guacira Lopes. *Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista*. Petrópolis-RJ: Vozes, 1997.

MACEDO, Rosa Maria de Almeida. *Juventudes, cultura de paz e escola: transformando possibilidades em realidade*. Tese (Doutorado). Fortaleza – Ceará. 2012.



MILANI, Feizi Masrour. Cultura de Paz X Violência: papel e desafios da escola. In: MILANI, Feizi Masrour; JESUS, Rita de Cássia Dias Pereira de (Orgs.). *Cultura de paz: estratégias, mapas e bússolas*. Salvador: INPAZ, 2003. p.131.

MORENO, Montserrat. *Como se ensina a ser menina: o sexismo na escola*. São Paulo: Moderna, 1999.

SCOTT, Joan. *Gênero: uma categoria útil de análise histórica. Mulher e realidade: mulher e educação*. Porto Alegre – RS: Vozes, v. 16, n. 2, jul./dez. 1990.

